



ANALISANDO AS NECESSIDADES DE TREINAMENTO DA COMPANHIA DE POLICIAMENTO CHOQUE DA POLÍCIA MILITAR DO RIO GRANDE DO NORTE

Joffrey Peyrac de Albuquerque Galvão¹, Tibério Trigueiro Félix da Silva¹, Helisabela do Nascimento Pereira D'anjour², Miler Franco D'anjour³, Patrícia Whebber S. de Oliveira, Dr^a⁴

¹ Capitães da Polícia Militar do Estado do Rio Grande do Norte – PM/RN. E-mail: jpag@ig.com.br, tiberiotrigueiro@hotmail.com

² Professora de Educação Física da Prefeitura Municipal do Natal – PMN/RN. E-mail: helisabelad@yahoo.com.br

³ Professor da área de gestão e negócios – IFRN. E-mail: miler.danjour@ifrn.edu.br

⁴ Professora de administração – DEPAD/UFRN – E-mail: patriciawhebber@gmail.com

Resumo: O presente estudo apresenta como objetivo, analisar as necessidade de treinamento em policiamento de choque demandada pelos policiais lotados na Companhia de Policiamento de Choque (CPChoque) da Polícia Militar do Rio Grande do Norte (PM/RN). Para atingir o presente objetivo, foi utilizada como metodologia, uma pesquisa exploratória de natureza quantitativa. O estudo não possui amostra, desta forma, classifica-se como censitário. Como técnica de coleta de dados, foi utilizada a aplicação de questionário e a análise documental. Por fim, os dados foram analisados por meio da distribuição de frequência relativa e a análise de conteúdo. Os resultados foram fundamentados através da análise de gráficos gerados a partir da pesquisa aplicada, no qual, foi possível traçar o perfil dos integrantes da Companhia de Polícia de Choque, como um policial maduro, 69,7% de seu efetivo tem mais de 30 anos de idade, que também já possui uma boa experiência na atividade policial militar, somente 27,27% dos seus integrantes tem menos de 05 anos de serviço, possuindo em sua maioria mais de 05 (cinco) anos de serviço e que pertencem as fileiras desta Companhia em sua grande parte a menos de 05 (cinco) anos, identifica-se também que os policiais da CPChoque, possuem pouca especialização na área que atuam, sendo somente 24,25% de seu efetivo detentor de curso na área de Choque, nota-se também que, o treinamento atualmente realizado na unidade não é planejado e não apresenta regularidade, gerando uma disparidade entre o número de horas/aula assistidas, entre os integrantes da companhia, por fim, foi identificado a existência de uma significativa demanda do efetivo por instruções diretamente ligadas a atividade de Choque. Desta forma, a análise das tabelas e gráficos produzidos nesse trabalho, permite concluir que, a Companhia de Policia de Choque necessita da implantação de um programa de treinamento, aonde sejam levantadas às necessidades de treinamento, o planejamento desse treinamento, sua aplicação e após, sua avaliação.

Palavras-chave: Polícia Militar, polícia de choque, treinamento

1. INTRODUÇÃO

A formação dentro da Instituição Polícia Militar inicia-se desde o processo de seleção do Policial, seja ele Praça ou Oficial, em suas fileiras, existindo dois centros distintos de formação, o Centro de Formação de Praças (CFAPM), para os primeiros e a Academia de Polícia Militar (APM) para os segundos, aonde têm início todos os treinamentos para a sua carreira.

O presente trabalho visa investigar o nível técnico-profissional que existe nos policiais militares que compõem a Companhia de Polícia de Choque, no tocante ao conhecimento técnico da doutrina e as táticas de emprego da tropa, nas diversas matérias do universo policial que se correlacionam com o planejamento e execução das missões inerentes a Tropa de Choque.

A Companhia de Polícia de Choque, é uma subunidade pertencente ao quadro organizacional do Batalhão de Polícia de Choque que, ainda, abrange as atividades de Patrulhamento Tático Móvel (PATAMO), através da Companhia que leva a mesma denominação e as operações policiais com Cães, por via da Companhia de Policiamento com Cães (CPCães).

No Estado do Rio Grande do Norte, ano de 1981, o Comando Geral criou o Pelotão de Atividades Especiais, o PAE, sendo, a sua publicação no Boletim Geral em 03 de novembro do referido ano, especificando as normas para a sua organização. Sediado no Quartel do Comando Geral, foi constituído à época por policiais militares oriundos da Companhia de Rádio Patrulha do 1º BPM. As instruções peculiares, basicamente se baseavam em técnicas de sobrevivência, abordagens, manuseio de armamento e tiro de combate, práticas de rapel, lutas, corridas e travessias a nado, na busca pelo melhor condicionamento físico e capacidade técnica. A essência do treinamento desenvolvido à época era tipicamente militar, para o enfrentamento de um “inimigo” social.



Em 1986, em face da Lei 5.501, de 05 de agosto de 1986, que fixou o efetivo da corporação, o comandante geral resolve transformar o Pelotão de Atividades Especiais em Companhia de Polícia de Choque, subordinada administrativamente ao Comando de Policiamento da Capital e operacionalmente ao Comando Geral e ao chefe do Estado Maior da PMRN, dispondo de uma tropa diferenciada na sua linha de atuação frente aos criminosos, mas, que pouco se adotou em termos de doutrina de CDC voltado as ocorrências anti tumultos de cunho social que, até então, não era difundido.

A Companhia de Choque permaneceu até 2005 quando, passou a fazer parte da composição do Batalhão de Operações Especiais, o BOPE, que, em 2010, passou por mudanças no seu organograma operacional e provocou o surgimento do Batalhão de Polícia de Choque, sendo composto por um corpo de oficiais subalternos e, um intermediário comandante, e Praças sendo, Soldados, Cabos e Sargentos. As suas missões precípua são em distintos cenários operacionais como as interdições ilegais de vias e acessos, as deflagrações de rebeliões prisionais, a reintegração de posses em apoio ao cumprimento de mandados judiciais, executados pelos respectivos oficiais de justiça, e a suplementação de efetivo em grandes eventos artísticos, culturais e esportivos.

Diante de tais atribuições tão diversificadas e de necessidade de conhecimentos multidisciplinares nas suas aplicações é que, observa-se a necessidade de avaliar o atual nível de desempenho do policial integrante dessa tropa, como também, formular em plano de melhoramento e capacitação técnica destinada ao pessoal envolvido nestes cenários de riscos.

Nesse contexto, o presente estudo apresenta como questão central de pesquisa identificar: quais as necessidades de treinamento em policiamento de choque demandada pelos policiais notados na CPChoque da PM/RN.?

Por fim, este estudo apresenta como objetivo geral: analisar as necessidades de treinamento em policiamento de choque demandada pelos policiais notados na CPChoque da PM/RN.

2. O TREINAMENTO E A DOCTRINA MILITAR

Treinamento é o “processo de desenvolver qualidades nos recursos humanos para habilitá-los a serem mais produtivos e contribuir melhor para o alcance dos objetivos organizacionais. O propósito do treinamento é aumentar a produtividade dos indivíduos em seus cargos influenciando seus comportamentos.” (C.CERTO, 1994, p. 274)

Mesmo na doutrina militar, o treinamento (conceito genérico no meio empresarial) é considerado de forma diversa, existindo uma distinção entre treinamento e instrução. De forma geral, possui o mesmo significado, mas existe tecnicamente uma diferenciação no que tange a adestramento (termo técnico-policial) e treinamento (termo gerencial).

Na doutrina policial-militar, adestramento é a atividade destinada a exercitar o policial militar, individualmente ou em equipe, desenvolvendo lhe a habilidade para o desempenho de tarefas para as quais já recebeu a adequada instrução, objetivando seu emprego individual ou enquadrado e propiciando ampliar a operacionalidade da corporação (RODRIGUES, 1996).

Treinamento é o procedimento que tem como objetivo específico à padronização de tarefas e melhorias no desempenho profissional militar (PMESP 1993).

De acordo com Rodrigues (1996), o treinamento proporciona às pessoas a ampliação da capacidade em adquirir novos conhecimentos, tornando-as hábeis nas suas funções, conscientes daquilo que venham a fazer, resolutos nos objetivos a serem atingidos.

Nas corporações policiais militares, o treinamento ajuda a manter padrões de qualidade, pois envolve uma mudança de comportamento no policial militar, permitindo o desenvolvimento e a renovação do potencial humano, com o propósito de levá-los a alcançar seus objetivos.

Entretanto, existem alguns fatores que dificultam a instrução técnica do policial militar. Dentro desta perspectiva Rodrigues (1996, p. 83), aponta oito fatores fundamentais que são:

- Falta de mentalidade de Instrução e Treinamento – alguns consideram um castigo. O grau de importância é indevido principalmente pelos escalões de chefia e comando;
- Falta de Incentivos – o policial não vislumbra a instrução e o treinamento como benefício para a melhora de sua atividade. O treinamento é meramente um acréscimo na sua carga horária de trabalho;



- Acúmulo de Funções dos Responsáveis Pela Instrução – o oficial ou responsável pelo desenvolvimento da instrução não consegue priorizá-la, devido aos diversos encargos e determinações emanadas pelo escalão superior;
- Falta de Tempo – devido o grande emprego da tropa, e indisponibilidade de horário vago do policial, torna-se quase impossível ministrar alguma instrução;
- Carência de Efetivo – como sempre está em “Déficit”, fica difícil ministrar instruções para poucos policiais;
- Ausência de Controle da Instrução – como não há controle não há motivação. Isto é evidenciado pelo fato de que a instrução depende diretamente do acompanhamento do comandante em qualquer escalão, dentro de parâmetros normativos, e que, não por convicções pessoais. O que ocorre na realidade é que, como existe um despreparo também do comandante, ele ignora e não exige, porque sabe que será solicitado tanto por seus subordinados, quanto por seus superiores.
- Falta de Interesse em Desenvolver Tecnologia – não existe uma metodologia para o desenvolvimento de técnicas modernas em qualquer campo de atividade profissional, provocando o desenvolvimento de atitudes baseadas no personalismo; e
- Desinteresse em se Instruir – por concluir que uma faculdade ou cursos externos à corporação, são suficientes para atuar em polícia.

Para concluir essa discussão, apresenta-se no capítulo a seguir o processo de estruturação de um programa de treinamento baseado em um modelo teórico utilizado para modelagem de treinamentos empresariais, mas, com aplicabilidade efetiva para formação militar.

3. DA DEFINIÇÃO Á ELABORAÇÃO DO PROGRAMA DE TREINAMENTO

Conceituar treinamento pode ser simples, porém, depara-se com diversos significados, antigamente e de acordo com especialistas de recursos humanos o treinamento era algo que adequava as pessoas aos cargos e as funções a serem ocupados e desempenhados respectivamente.

De acordo com Chiavenato (1999, p. 296), “através do treinamento e do desenvolvimento a pessoa pode assimilar informações, aprender habilidades, desenvolver atitudes, comportamentos diferentes e desenvolver conceitos abstratos.”

O treinamento possibilita o aumento do conhecimento dos colaboradores, melhora as habilidades e destrezas, desenvolve e modifica os comportamentos e aumenta o nível da abstração.

Treinar pessoas deve ser feito periodicamente e não quando há necessidade de solucionar problemas, ou com essa finalidade, mas deve ser realizado para agregar valores para o alcance dos objetivos da organização (CHIAVENATO 1999).

Ao longo do tempo, o treinamento foi desenvolvido por diferentes enfoques, atualmente passou a seguir o modelo sistêmico, passando a considerar os anseios dos colaboradores, motivações e dificuldades enfrentadas no aprendizado.

Desta forma, apresenta-se um modelo com três passos para a formação de um programa de treinamento, que são constituídos pelo: diagnóstico das necessidades de treinamento, implementação e execução do treinamento, e avaliação do treinamento.

Normalmente, o diagnóstico das necessidades de treinamento é dado pela busca das carências dos funcionários que venham dificultar a realização das atividades e o alcance do objetivo da organização.

Esse diagnóstico para a finalidade de treinamento é integrado e holístico, o quadro da organização deve ser entendido acima de tudo como prospectivo, o mesmo deve ser realizado através de profissionais de áreas diversas, e deve ser tratado como uma atividade contínua (BOOG, 1994). Finalmente, é importante observar que a pretensão da realização de um diagnóstico é verificar até que ponto o problema é solucionado através do treinamento.

Logo em seguida ao diagnóstico de necessidades, há necessidade de ser feito o planejamento das atividades de treinamento. Para Gil (1994, p. 70), “o planejamento é um processo desenvolvido a partir da realidade fornecida pelo diagnóstico e que visa proporcionar com a máxima eficácia possível o desencadeamento das ações necessárias para o alcance dos objetivos pretendidos.”

Por sua vez, a execução do treinamento é feita a partir do plano, segundo Gil (1994, p. 78), existem algumas providências a serem tomadas, são elas:

- Qualificação dos instrutores – Estes deverão possuir certas características pessoais, como: facilidade no relacionamento, interesse pelo assunto, fluência na comunicação etc.



- Seleção dos treinadores – Os resultados do treinamento costumam ser melhores quando os treinadores são organizados em turmas de acordo com suas aptidões e interesses pessoais.
- Qualidade do material, equipamento e instalações.
- Apoio administrativo, envolvendo – registro de frequência, comunicações aos participantes, distribuição de material institucional etc.
- Cooperação dos chefes e dirigentes da empresa.

A avaliação deve ser feita a fim de identificar se o processo de treinamento foi válido, se alcançou os objetivos propostos, se o processo deverá ter continuidade e principalmente para verificar se há necessidade de mudanças.

Para Gil (1994, p. 78), “a avaliação constitui um dos aspectos mais críticos do treinamento. Por ser uma atividade delicada e complexa, costuma ser relegado a um segundo plano, quando não deliberadamente rejeitada. Entretanto, só a partir da avaliação é que se pode saber se o treinamento atingiu seus objetivos.”

Por fim, é importante destacar que na etapa de avaliação faz-se necessário que alguns pontos sejam analisados, para que assim sejam atendidos os critérios de identificação. Como a apreciação: das reações, do nível da aprendizagem, do comportamento no cargo. Finalmente, é importante que os gestores estimem os resultados obtidos, a cada parte do processo.

4. CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

Quanto aos seus objetivos, a pesquisa é classificada como exploratória. Segundo Gil (1999, p. 43), esse tipo de pesquisa, “tem como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista, a formulação dos problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores.” Quanto aos procedimentos, este estudo classifica-se como sendo um estudo de caso, que segundo Martins (2000, p. 36), “trata-se de uma técnica de pesquisa cujo objetivo é o estudo de uma unidade, seja um indivíduo, uma família, uma instituição, uma empresa, ou uma comunidade, com o objetivo de compreendê-los em seus próprios termos”. Por fim, quanto à natureza, optou-se por uma abordagem quantitativa, que diferentemente da pesquisa qualitativa caracteriza-se pelo emprego de instrumentos estatísticos, tanto na coleta quanto no tratamento dos dados.

A população do presente estudo foi constituída pelo efetivo de policiais militares que compõem a CPChoque da Polícia Militar do Estado do Rio Grande do Norte, totalizando 44 (quarenta e quatro) policiais militares, sendo 2 (dois) Oficiais e 42 (quarenta e duas) Praças, todos homens. O estudo não utilizou amostra, foi do tipo censitário abrangendo a totalidade da população.

Os dados nesta pesquisa foram coletados por meio da aplicação de questionário, constituído de 06 (seis) questões abertas e fechadas, que buscaram identificar os aspectos socioeconômicos, com objetivo de traçar o perfil dos policiais militares que compõem a CPChoque e questões específicas para avaliar o nível de treinamento recebido pelos policiais pesquisados, bem como, as suas reais necessidades de treinamento. As questões foram elaboradas pelos pesquisadores, observando a literatura específica de treinamento e a literatura que trata da doutrina de policiamento de choque. As questões foram validadas por meio da aplicação do estudo piloto, no qual, os autores aplicaram o questionário com 10 policiais, objetivando identificar alguma inconsistência na elaboração das questões, para assim, estruturar a versão final do instrumento que foi aplicado com os policiais da CPChoque.

Os questionários foram aplicados presencialmente com 33 (trinta e três) policiais militares dos 44 (quarenta e quatro) lotados na unidade. Deixaram de ser respondidos e tabulados 11 (onze) questionários, por haver 04 (quatro) de férias, 02 (dois) de licença especial, 02 (dois) de licença médica e 03 (três) participando de atividades externas.

Por fim, foi utilizada a técnica estatística da distribuição de frequência relativa, para cada variável que compõem as questões acerca dos aspectos socioeconômicos e questões específicas acerca do treinamento.



5. O PERFIL SÓCIO DEMOGRÁFICO DOS POLICIAIS MILITARES LOTADOS NA DP DA PMRN.

Como primeiras análises a serem realizadas no presente trabalho, serão apresentados os dados sócio demográficos dos policiais lotados na Companhia de Choque (CPChoque) da Polícia Militar do Estado do Rio Grande do Norte (PM/RN). A CPChoque é formada em sua maioria por praças, o que é comum em uma Unidade Militar, sendo 69,70% soldados; 12,12% cabos; 12,12% sargentos; 3,03% tenentes e 3,03% capitães, logo, mais da metade do seu efetivo é constituído por policiais sem posto, que se encontram no primeiro nível da escala hierárquica, ou seja, no nível operacional, o que influencia também a forma do treinamento a ser planejado.

A faixa etária da CPChoque, concentra-se em torno dos 35 a 40 anos, alcançando um índice de 39,40% policiais nessa faixa etária, sendo seguida pela faixa de 26 a 30 anos, com um índice de 24,24%, seguindo as demais faixas etárias 31 a 35 anos 21,21%; Mais de 40 anos, 9,09% e 19 a 25 anos 6,06%. Pode-se inquerir que, o efetivo da CPChoque é composto por pessoas maduras, com certa experiência de vida, sendo ideal esse perfil para a finalidade a qual a tropa é destinada que exige mais ponderação, controle emocional e resistência a fadiga, qualidades presentes geralmente em pessoas dessa faixa etária.

Os policiais da CPChoque, em sua maioria não têm mais do que 15 anos de atividade policial, estando 45,45% na faixa dos 11 aos 15 anos de serviço, ficando os demais da seguinte forma: 01 a 05 anos, com 27,27% dos integrantes; 06 a 10 anos, com 15,15%; 16 a 20 anos, com 3,04% e dos 21 aos 25 anos com 9,09%. Também se pode observar que, mais de 70% do efetivo, já está na Polícia Militar a mais de 05 (cinco) anos, o que demonstra a experiência do efetivo na área policial, fator essencial para realização de missões de alta complexidade como são as da CPChoque.

Em relação ao tempo de serviço, ininterruptos ou não, que o policial da Companhia de Polícia de Choque passou a serviço dessa Companhia, no qual se constata que: 54,54% possuem entre 01 a 05 anos de serviço na CPChoque, 21,22% entre 06 a 10 anos e 24,24% entre 11 a 15 anos, logo, mais da metade do efetivo da Companhia têm até 5 anos de serviço na Companhia de Polícia de Choque, ou seja, o efetivo é jovem nessa atividade, o que pode demandar falta de experiência, bem como maior grau de motivação e/ou vontade em adquirir conhecimentos.

Logo, pode-se sintetizar o perfil do Policial Militar integrante da Companhia de Polícia de Choque como, um policial maduro, possuidor de experiência de vida, que também já possui uma boa experiência na atividade policial militar, possuindo em sua maioria mais de 05 (cinco) anos de serviço e que pertencem as fileiras desta Companhia em sua grande parte a menos de 05 (cinco) anos.

6. IDENTIFICANDO AS NECESSIDADES DE TREINAMENTO EM POLICIAMENTO DE CHOQUE DOS POLICIAIS LOTADOS NA CPCHOQUE DA PM/RN

Em relação à formação na área de choque dos policiais lotados na CPChoque, foi identificado como resultado que apenas 08(oito) policiais possuem curso na nessa área, enquanto que 25 responderam que não possuem curso nesta área, percebeu-se que 75,75% do efetivo da Companhia de Polícia de Choque, não detém curso nessa área, fruto de pouco investimento na realização de cursos dessa natureza na instituição e falta de interesse em especializar o efetivo em outros Estados da Federação, o que reforça a necessidade de um treinamento mais constante e apurado destinado a esse público.

No que diz respeito aos treinamentos básico ou estágio de natureza em ações de choque, promovido pelo Batalhão de Polícia de Choque foi identificado que 19 (dezenove) policiais já participaram desse tipo de formação, 14 (quatorze) nunca participaram, havendo 57,58% já participado desse tipo de atividade promovida pelo BPChoque, o que diferencia-se dos resultados apresentados anteriormente, devido a estes estágios serem realizados com menos custos e possuírem uma carga horária menor que os cursos de média ou longa duração nessa área, sendo mais fáceis e viáveis sua realização, porém, não atendem por completo a demanda de treinamento da Companhia.

No tocante a quantidade de horas aula destinadas ao treinamento do efetivo da Companhia de Policiamento de Choque, identifica-se que, não há um planejamento e nem um tempo correto destinado à prática do treinamento, isto ocorre devido ao fato que na atualidade, o treinamento está sendo executado com o pelotão que entra de serviço, o que abre precedentes para eventuais acionamentos relativos ao serviço daquela Companhia, sendo assim, se o pelotão tiver alguma ordem de serviço a ser cumprida ou ocorrer alguma ocorrência de natureza de Choque, não haverá o treinamento ou será interrompido antes de sua conclusão, o que provoca a disparidade de horas aula entre os integrantes desta subunidade policial militar,



ano qual: 21,21% dos policiais treinam 1h/aula; 12,13% 2 h/aula; 18,18% 3 h/aula; 21,21% 4 h/aula; 3,03% 5 h/aula; 3,03% 8 h/aula; 3,03% 10 h/aula e 6 % não souberam responder, visto que até para os próprios integrantes da CPChoque é difícil contabilizar as horas aulas semanais, em virtude dessa inconstância. Logo se deduz que o policial deve treinar no segundo dia de folga, pois, o mesmo estará descansado e focado somente para a atividade de instrução.

Observa-se que, na percepção dos policiais entrevistados, existe a falta de cultura institucional no tocante promoção de cursos de caráter especializado, dessa forma o policial Militar do Rio Grande do Norte, não tem oportunidades de se especializar, o que se reflete nesses números que mostram que apenas 36,36% dos policiais que participaram deste estudo possuem cursos de policiamento especializado.

A partir destes dados e dos demais que se seguem, pode-se identificar as principais necessidades de treinamento para os integrantes da CPChoque, de acordo com os assuntos doutrinários elencados no questionário, sendo analisado neste ponto as formações ofensivas e defensivas de Choque a pé e motorizado (choque ligeiro), nota-se que 30,30% dos integrantes atribuíram um alto grau de importância a essa disciplina, visto que é uma disciplina que possui relação direta com a atividade de Policiamento de Choque, sendo base para as demais na área em questão.

Quanto aos conteúdos que tratam da disciplina de manuseio e utilização dos equipamentos, armamentos e munições não letais de uso policial. Percebe-se que 24,24% atribuíram grau 1 e 27,28% grau 2, contabilizando 51,52 % nos dois primeiros índices de relevância para a tropa, visto que, a atividade de policiamento de choque, utiliza constantemente e em grande escala técnicas e tecnologias não letais em suas ações, obrigando o componente dessa Unidade a manusear constantemente esse tipo de armamento.

No tocante aos conteúdos que tratam das táticas de intervenção a estabelecimentos prisionais, foi considerado pelos entrevistados que esta é uma disciplina de suma importância dentro da doutrina de Policiamento de Choque, pois, apresenta auto risco e complexidade em sua execução, além do fato desse tipo de tropa na atualidade está constantemente sendo acionada para realizar revistas e conter rebeliões ou motins nesses estabelecimentos. Risco este, que se agrava com a atual situação em que se encontra as instituições penais de detenção no país, em sua grande parte deterioradas e superlotadas, com a capacidade de apenas detidos acima da capacidade para que foram projetadas, dessa forma, é importante inquirir que, esses são os principais fatores que levam a 33,34% dos integrantes da Companhia de Policiamento de Choque atribuírem o mais elevado índice de importância a essa disciplina.

No que diz respeito ao emprego do policiamento de choque, o estudo da doutrina de tropa de choque, observa-se que, mais uma vez se demonstra a preocupação dos policiais pesquisados em atribuir grau de importância alto a tais disciplinas estabelecendo um percentual de 21,22% ao maior grau de importância destinado a disciplina.

Quanto ao item que trata da disciplina do emprego da tropa de choque em grandes eventos esportivos, artísticos e culturais, que retrata um baixo índice, ficando atribuído somente 9,09% ao índice mais importante, comprovando uma tendência nacional das tropas de Choque em não mais realizarem esse tipo de policiamento, sendo criadas unidades especializadas para esse tipo de assunto.

Ao se analisar uma disciplina inteiramente teórica da doutrina, como por exemplo, a legislação correlata (lei de greve, estatuto do torcedor, códigos e outros), observa-se uma porcentagem de apenas 6,06%, o que indica que a tropa tem uma resistência natural a disciplinas de caráter teórico e menos prático. Isso se deve ainda ao fato do efetivo pesquisado ser composto em sua maioria por soldados, 69,70%, os quais não estão no nível de planejamento e sim de execução, ou seja, atividade prática.

No que diz respeito à matéria de Auto defesa policial e Uso da força, corrobora com o foi discutido anteriormente, ou seja, que o referido efetivo tem seu interesse e conceito de relevância voltado a disciplinas que estão relacionadas a Doutrina de Choque.

Ao se observar os últimos pontos da análise, observa-se uma distribuição média entre os níveis de importância elencados pelos componentes da tropa à disciplina de Abordagem armamento e tiro policial, pois essa disciplina apesar de não está diretamente correlata à doutrina de Choque, figura como significativa na atividade Policial, além de ser atrativa aos efetivos policiais nas grades curriculares castrenses.

No tocante as disciplinas correlatas diretamente com a doutrina de Choque, figuram como as mais importantes de acordo com seus integrantes, se destacam em ordem decrescente primeiramente o item: Táticas de Intervenção em Estabelecimentos Prisionais, com 16,92%, seguidos respectivamente pelos itens que tratam das Formações ofensivas e defensivas de Choque a pé e motorizado, choque ligeiro e Abordagem armamento e tiro policial ambos com 15,38%. O que também chama atenção neste dados, é o fato da classificação baixa de importância atribuída aos itens Emprego da tropa de choque em grandes eventos



esportivos, artísticos e culturais e Legislação correlata, lei de greve, estatuto do torcedor, códigos e outros, já citados e analisados anteriormente nos gráficos 14 e 15.

Por fim, podem-se analisar as disciplinas consideradas menos importantes para aquele efetivo, se destacando como menor nível de importância o item: Técnicas de Bastão Policial Tonfa, com porcentagem de 16,67%, seguido por Táticas de Reintegração de Posse; Emprego da tropa de choque em grandes eventos esportivos, artísticos e culturais e Auto Defesa Policial e Uso da Força, ambos com 13,95%.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como considerações conclusivas a pesquisa, pode-se apresentar o perfil do policial lotado na CPChoque como sendo um profissional que na sua maioria são soldados, com um número pequeno de graduados, com faixa etária relativamente entre 30 e 40 anos de idade mas, que não ultrapassam 15 anos de serviço na PM e 5 anos de CPChoque, com algumas ressalvas à policiais antigos e que permanecem na Companhia há alguns anos, e que apresentam-se carentes quanto a qualificação profissional por meio de cursos específicos na área, no entanto, a maioria já passou por instruções especializadas para admissão ao Batalhão.

Quanto as necessidades de treinamento demandadas pelo efetivo da CPChoque, foram identificadas e atribuídas as matérias observadas, como sendo, as de maior necessidade de aprendizagem, sendo elas, as de intervenção em estabelecimentos prisionais, formações de CDC e as técnicas de abordagem e tiro policial, interpretando como as mais essenciais em grau de importância na execução da atividade de polícia ostensiva, tanto na área de choque quanto no policiamento ostensivo geral, constatada através do público pesquisado, demonstrando ser trabalhado na forma de conceitos fundamentais e basilares à profissão, como também, as atividades mais específicas à natureza da missão.

O trabalho foi realizado focado na população existente na Companhia de Polícia de Choque. A pesquisa limitou-se a analisar somente o efetivo da subunidade de Choque que, naturalmente, vem a gerar um percentual não pesquisado por motivos adversos da profissão como, por exemplo, férias e licenças médicas de policiais. A população pesquisada é relativamente pequena, considerando a estrutura teórica de uma Companhia de Polícia, e que poderia abranger a pesquisa para a estrutura de todo o Batalhão de Choque, sobre aspectos mais generalistas que envolvem a natureza da OPM.

Por fim, fica como sugestão de trabalhos futuros, a realização de pesquisas que abranjam todo o efetivo do Batalhão de Choque e demais unidades especializadas do Polícia Militar do Estado do Rio Grande do Norte.

REFERÊNCIAS

BOOG, Coordenador Gustavo G. **Manual de treinamento e desenvolvimento ABTD**. São Paulo: Makron Books, 1994.

C.CERTO, Samuel. **Modern Management: Diversity, Quality, Ethics and The Global Environment**. Boston, Allyn & Bacon, 1974, p. 274.

CHIAVENATO, Idalberto. **Gestão de pessoas: O novo papel dos recursos humanos nas organizações**. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

GIL, Antônio Carlos. **Administração de recursos humanos: um enfoque profissional**. São Paulo: Atlas, 1994.

_____. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo. Atlas, 1999.

MARTINS, Gilberto de Andrade. **Manual para elaboração de monografias e dissertações**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2000.

PMESP. **Programa Padrão de Instrução: Instrução de manutenção (PPI-1- PM)**. São Paulo: DEI/PM, 1993.

RODRIGUES, Alexandre Melchior. **A Importância da Instrução e Treinamento na PMESP**. 1996, Monografia (CSP-II/96), PMESP, São Paulo, 1996.